

William Blake no Brasil: alguns apontamentos sobre um possível desencontro

Prof. Dr. Alcides Cardoso dos Santos (UNESP)

Resumo:

*A obra de William Blake (1757-1827) propõe uma textualidade que desloca aspectos centrais não somente do Iluminismo ou do Romantismo, mas da crítica literária em geral, tais como as noções de sujeito, texto, identidade e transcendência. Estudiosos contemporâneos de sua obra, como Molly Anne Rothenberg e W. J. T. Mitchell, demonstram como esta textualidade traz elementos caracteristicamente associados ao pós-estruturalismo, o que tem causado um realinhamento da crítica blakeana nos últimos 50 anos mas é a origem da dificuldade dos estudos blakeanos no Brasil. Examinaremos, como as noções de “descentramento do sujeito” e “desautorização da autoridade”, que Rothenberg desenvolve em sua análise do poema *Jerusalem*, podem lançar luzes sobre a resistência da crítica brasileira à poesia de Blake.*

Palavras-chave: Blake, tradição, pós-estruturalismo, recepção, Brasil

1 Introdução

Início esta reflexão pela constatação da difícil aclimação dos estudos blakeianos no Brasil, e se afirmo ser esta uma constatação e não uma hipótese, fundamento minha afirmação na rarefação dos trabalhos acadêmicos ou traduções deste poeta no Brasil, como podemos verificar no trabalho criterioso feito por Juliana Steil de levantamento das pesquisas e traduções feitas e em andamento no Brasil sobre Blake¹. Como já é sabido, Blake é um daqueles poetas que grande influência exerceu na modernidade literária e que é bastante citado mas pouco estudado, e quando há algum interesse na sua obra, as dificuldades de leitura costumam ter alto poder de dissuasão. Quando as dificuldades iniciais são afinal vencidas, as leituras amiúde reforçam leituras simplificadoras da sua obra, que redundam no estereótipo do poeta como um gênio romântico inconformado com a miséria e a tirania trazidas pela Revolução Industrial. Esta leitura da poesia de Blake, que se tornou a mais conhecida nos meios acadêmicos, se fundamenta mais em sua poesia lírica inicial do que pelas profecias da maturidade e enfatiza a polarização entre o retorno romântico à natureza como fonte da transcendência perdida (a “bela natureza” de Kant ou a “poesia sentimental” de Schiller) e a crítica aos “Dark Satanic Mills” de sua Albion natal, já em 1789 – quando o poeta escreve os “Songs of Innocence and Experience”- uma metrópole urbana e industrial com todas as deformidades e monstruosidades que o capitalismo traria ao mundo ocidental, como bem o mostraria Baudelaire meio século depois a respeito da sua fervilhante Paris.

¹ Tese de doutorado defendida na UFSC, disponível em <http://www.pget.ufsc.br/curso/teses/Juliana_Steil_-_Tese.pdf>

Vejamos como esta polarização aparece em um dos poemas mais famosos de Blake, publicado no prefácio ao poema “Milton a Poem in two Books”, de 1804, no qual a inocência perdida das verdes montanhas inglesas recebe a visita de Jesus antes de se tornar a terra dos escuros moinhos satânicos, símbolo blakeano para as mazelas da industrialização então em seus primórdios. O poeta toma de seu arco dourado, suas flechas de desejo e sua lança para lutar pela restauração da Jerusalem na verda terra inglesa :

And did those feet in ancient time,
Walk upon Englands mountains green:
And was the holy Lamb of God,
On Englands pleasant pastures seen!

And did the Countenance Divine,
Shine forth upon our clouded hills?
And was Jerusalem builded here,
Among these dark Satanic Mills?

Bring me my Bow of burning gold;
Bring me my Arrows of desire:
Bring me my Spear: O clouds unfold!
Bring me my Chariot of fire!

I will not cease from Mental Fight,
Nor shall my Sword sleep in my hand:
Till we have built Jerusalem,
In Englands green & pleasant Land (ERDMAN, 1988, p. 95-96)

Assim como o profeta Ezequiel denunciando a Jerusalém decaída do Velho Testamento, Blake é visto como o bardo que cantou suas visões de uma nova Jerusalém e denunciou, como um genuíno herói romântico, os horrores da vida moderna com suas máquinas, ritmos frenéticos e imagens grotescas, o que lhe angariou os epítetos de “ingênuo”, “excêntrico”, “visionário” e “maldito”. Como enfatizam os defensores desta leitura implicadora da obra de Blake, a oposição rousseauísta da natureza contra a força corruptora da sociedade, que fundamenta as “Lyrical Ballads” de Wordsworth e Coleridge, é vista como também estruturante da poesia de Blake, apesar das duras críticas de Blake a Wordsworth (“Annotations to Wordsworth’s *Poems*”), nos qual Blake vê o “homem natural” se erguendo contra o “homem espiritual” e a memória (concepção mimética da arte) se erguendo contra a imaginação (Blake dizia que copiava somente a imaginação).

Este afastamento e crítica de Blake a um certo esquematismo romântico na oposição natureza/cultura leva o poeta a uma crítica da transcendência romântica, que o poeta desloca para a própria existência, para os “minute particulars” nos quais o poeta enxerga a manifestação da “Divine Vision”. Porém, diferentemente do romantismo poético de Wordsworth/Coleridge ou filosófico de Hegel – para o qual a contrariedade dos opostos é resolvida em uma síntese a ser dialeticamente contraposta a outra antítese e assim sucessivamente até à racionalidade absoluta de Deus – as relações entre transcendência e imanência na poesia de Blake apontam para deslocamentos infinitos que não produzem conclusões ou sínteses, mas uma textualidade que a crítica, a partir da década de 70, começou a associar a práticas literárias e críticas desenvolvidas

em um momento histórico que podemos chamar de pós-modernismo, e mais especificamente no contexto teórico e crítico comumente chamado de pós-estruturalista.

2 Realinhamento dos estudos blakeanos

Um primeiro aspecto deste momento crucial nos estudos blakeanos se dá com a constatação de que a poesia de Blake fora escrita em um formato inédito que combinava os formatos do livro e da gravura e misturava as técnicas da escrita, do desenho e das iluminuras medievais, que passou a ser chamado de “poesia iluminada” (“illuminated printing”). O todo formal de sua poesia se tornou o objeto de estudos importantes como os de David Erdman (“The Illuminated Blake”- 1974) e J. W. T. Mitchell (“Blake’s Composite Art”- 1978), que tiveram um grande impacto e redirecionaram os estudos blakeanos para as complexas relações de seu sistema poético/simbólico com a sua “Visual language”, conforme a denomina Mitchell. Este redirecionamento da crítica blakeana produziu vários resultados positivos para os estudos blakeanos, tais como uma extensa fortuna crítica que concebe a poesia iluminada como uma realização única na história literária ocidental, várias reedições integrais da poesia de Blake (com as imagens) e a fundação do site The William Blake Archive, no ar desde 1996 e premiado pela MLA.

Nas palavras de J. W. T. Mitchell, o principal articulador e representante desta vertente da crítica blakeana,

[...] a “unidade” do livro iluminado é dinâmica, construída pela interação de texto e imagem como elementos independentes ou contrários e [...] um aspecto importante na compreensão da forma [dos poemas] de Blake é garantir a cada elemento “sua própria esfera de invenção e concepção visionária” [DC]. (MITCHELL, 1978, p. xvii – minha tradução)

Nesta nova visada dos estudos blekeanos, as relações oblíquas entre a especificidade formal dos desenhos e a simbologia dos poemas começam a ser vistas como o que Mitchell chama de uma “arte compos(i)ta” que dialoga diretamente com a tradição do *ut pictura poesis* e estabelece um diálogo crítico com o conceito setecentista da complementariedade entre as “artes irmãs”. Até mesmo críticos blakeanos mais conservadores, como Northrop Frye em “Fearful Symmetry” (1947), seu principal estudo sobre a poesia e Blake, também já haviam salientado a independência e até contrariedade entre texto verbal e visual na poesia iluminada de Blake .

A leitura que fizemos das interações entre texto e imagem na poesia iluminada de Blake, particularmente no poema *Jerusalem the Emanation of the Giant Albion* (1804) (SANTOS, 2009) seguiu os passos de Mitchell e procurou mostrar como as “Divine Visions” e os “Minute Particulars” são articulados formalmente por aspectos como a escrita caligráfica, as iluminuras, a des-centralidade da imagem e do texto e os detalhes metaimagéticos e metapoéticos que desestabilizam as identidades de texto e imagem, produzindo uma proliferação das marcas destas duas formas de textualidade e a consequente disseminação de sentidos que inviabiliza interpretações estáveis ou definitivas.

Paralelamente a este redirecionamento da crítica blakeana rumo às complexidades formais e simbólicas da poesia iluminada, uma outra vertente da reorientação da scholarship blakeana foi bastante influenciada pelo pensamento de Derrida, Foucault e Barthes, em especial pela reflexão desses teóricos sobre o que passou a ser denominado textualidade e escritura. Pode-se dizer que o interesse da crítica literária pelas questões da textualidade e da escritura dominaram os estudos literários durante os anos 70 e se harmonizaram com as profundas mudanças sociais que estavam ocorrendo naquele período no mundo anglo-saxônico e na Europa ocidental, mudanças estas que tiveram ampla repercussão e que culminaram em avanços significativos e históricos no reconhecimento e correção de desigualdades históricas, como foi o caso do feminismo francês e norte-americano, dos movimentos dos direitos civis nos EUA, do “politicamente correto” dos anos 80 e das ações afirmativas nos anos 80 e 90.

A discussão que pautava os debates acalorados deste rico período da história ocidental recente era centrada em uma questão que afetava diretamente a sociedade tanto quanto a teoria e crítica literária do período e que esquematicamente podemos resumir como a constatação de que a linguagem é um instrumento de poder e de exclusão e que qualquer revolução teria que passar por uma profunda alteração na concepção e uso da linguagem. Quando Foucault, em sua aula inaugural no Collège de France em 1970, posteriormente publicada como “A ordem do discurso” fala da partilha do discurso e do senso comum como um sistema discursivo de exclusão e de interdição, ou quando Barthes, ao falar da “Morte do autor” (1968), se refere ao texto como um espaço onde se cruzam escritas múltiplas (como indicamos em nossa epígrafe), ou quando Derrida faz sua famosa afirmação de que “não há fora do texto” (“il n’y a pas de hors-texte”) em *Gramatologia* (1967), o que se percebe é uma reflexão que busca implodir os limites linguísticos da linguagem, assimilando outros saberes à teoria e crítica literárias bem como à filosofia, tais como a Psicanálise, a Antropologia, o Direito, a Sociologia, a Teologia, na tentativa de transtornar a linguagem, este discurso no qual todas as ideologias e axiologias se materializam, como explica Foucault:

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade.

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito. (2006, p. 9)

Mas sendo a linguagem o espaço onde a exclusão e o silenciamento foram historicamente praticados, também haverá de ser nela que uma possível revolução nas formas históricas de ver e pensar o mundo seria articulada, a começar pela entrada em cena do leitor como agente que podem fruir e disseminar o prazer do texto e da leitura como entrecruzamento aberto de agentes e saberes distintos, como programaticamente explica Barthes:

Ficção de um indivíduo (algum Sr. Teste às avessas) que abolisse nele as barreiras, as classes, as exclusões, não por sincretismo, mas por simples remoção desse velho espectro: a contradição lógica; que misturasse todas as linguagens, ainda que fossem consideradas incompatíveis; que suportasse, mudo, todas as acusações de ilogismo, de infidelidade; que permanecesse impassível diante da ironia socrática (levar o outro ao

supremo opróbrio: contradizer-se) e o terror legal (quantas provas penais baseadas numa psicologia da unidade!). Este homem seria a abjeção de nossa sociedade: os tribunais, a escola, o asilo, a conversação, convertê-lo-iam em um estrangeiro: quem suporta sem nenhuma vergonha a contradição? Ora este contra-herói existe: é o leitor de texto; no momento em que se entrega a seu prazer. (1993, p. 7)

É, então, neste contexto de reconfiguração dos estudos literários que a poesia de Blake passa a ser lida como textualidade e escritura, como o exercício poético e crítico de um escritor com uma reflexão elaborada sobre o caráter ideológico e excludente da linguagem e com uma concepção de arte e técnica elaborada o bastante para ocupar os críticos por trezentos anos, parafraseando James Joyce.

3 Repensando a textualidade de Blake

Uma das análises mais instigantes da obra de Blake produzidas no esteio desta reconfiguração dos estudos literários é *Rethinking Blake's Textuality*, de Molly Anne Rotehnberg (1993), estudo no qual a pesquisadora conclui que Blake assume “posições reconhecidamente pós-estruturalistas” porque buscava responder à crise epistemológica que desde o século XIII perpassa o ocidente, qual seja a questão do estatuto do sujeito e do conhecimento. Para a pesquisadora,

Ao responder às questões das quais o pós-estruturalismo se ocupa – a subversão dos pressupostos metafísicos, a constituição da subjetividade, as mediações ideológicas que moldam as formas de consciência, a natureza da semiose e a relação entre sistematicidade e tirania social – a prática textual de Blake participa implícita e explicitamente de uma crítica dos pressupostos filosóficos setecentistas que cria as condições para uma análise dos vínculos desconfortáveis entre ações opressivas e resistência “liberatória”. (ROTHENBERG, 1993, p. 1)

Um dos insights mais importantes da leitura que a pesquisadora faz da poesia de Blake é a percepção de que Blake articula poeticamente uma crítica tanto ao sujeito racional auto-centrado do Iluminismo quanto ao sujeito transcendente do romantismo. Como vimos no poema que inicia a profecia *Milton*, o poeta se propõe a travar as suas “mental fights” até que Jerusalém seja reconstruída não idealmente em algum paraíso celeste, mas aqui na terra por meio da revolução imaginativa que possibilitará a cada um abrir as portas da percepção e mergulhar no “Eternos Mundos de Deleite”. O eu lírico/narrador que se articula na poesia de Blake e em especial em *Jerusalem* não é somente um sujeito fragmentado, cuja distopia em relação ao presente o torna um estrangeiro a si mesmo, como podemos ver na modernidade de Kafka, Eliot, Camus ou Beckett, mas um sujeito plural, perpassado por oposições e contradições irreduzíveis e inelutáveis.

Jerusalém a Emissão do Gigante Albion é um poema épico-profético terminado em 1804 e gravado em placas de cobre que eram as matrizes para as reproduções em cores, algumas das quais ainda existentes e preservadas em museus e galerias de arte. Como o título já diz, o poema é uma narrativa ao estilo profético de Ezequiel sobre Albion, ao mesmo tempo o homem e a Inglaterra, e sua emissão, Jerusalém (emissão é a porção

imaginativa, transcendente, sexual e libertária de todo ser humano, como Blake aprendera em suas leituras dos místicos e gnósticos). O Deísmo filosófico, o moralismo da igreja cristã, o racionalismo iluminista e a transformação material da Inglaterra ocorridos no ocidente a partir do século XVIII levam Albion, o homem/terra, a se separar de sua emanção/imaginação *Jerusalém* e construir fortalezas racionais e morais, erigidas em sistemas de pensamento, religião e mesmo arte, sob a tirania de seu espectro, *Urizen. Los*, o ferreiro imortal, transformador da matéria bruta da existência em visão poética/profética, trabalha incessantemente para não deixar que Albion recrudeça ao racionalismo, forjando a matéria bruta da linguagem para que o homem possa, por meio dela, fazer a revolução imaginativa.

Os agentes desta transformação são variados e se encontram espalhados por diferentes níveis do poema, podendo ser identificados em várias instâncias do poema como Albion, Jerusalém, Urizen, Los, Satan, Orc, Luvah e Vala. Porém, o que foi lido pela crítica blakeana da primeira metade do século XX como um complicado simbolismo, na leitura desta nova vertente dos estudos blakeanos se configura como uma poderosa desconstrução do conceito de sujeito transcendente que Blake herdou do Iluminismo.

O exemplo que Rothenberg para ilustrar esta desconstrução do sujeito transcendental, sendo um dos mais conhecidos e citados, ainda assim nos ajuda a perceber os contornos contemporâneos do polimorfismo do eu lírico/narrador em *Jerusalem*, pois na introdução (“Ao Público”) do poema o poeta afirma ter recebido os versos de uma agência externa a si (“Quando este Verso me foi primeiramente ditado...”), mas logo em seguida afirma ter escolhido uma variedade de estilos e formas para o seu poema (“Eu, portanto, produzi uma variedade em cada linha, de cadências & número de sílabas.”)

O descentramento do sujeito em vários personagens, além de cidades e rios, chama a atenção para a centralidade da textualidade na poesia de Blake, que o poeta denomina, logo no início de *Jerusalém*, a “espantosa arte da escrita” (“the wond’rous art of writing”), demonstrando que a escrita, ao mesmo tempo presente divino e artifício humano, é o *locus* de poder (de exclusão e interdição, diria Foucault), mas também o deleite eterno da textualidade (o prazer do texto, diria Barthes). É a linguagem escrita que possibilitará a Albion passar pelos estados eternos de erro, moralismo e racionalismo e reunir sua emação a seu espectro sob a condução de Los, que não é senão a Divine vision manifestada poeticamente, como vemos nos versos finais de *Jerusalém*:

And every Man stood Fourfold. each Four Faces had. One to
the West
One toward the East One to the South One to the North. the
Horses Fourfold
And the dim Chaos brightend beneath. above, around! Eyed
as the Peacock
According to the Human Nerves of Sensation, the Four
Rivers of the Water of Life
[...]
The Four Living Creatures Chariots of Humanity Divine
Incomprehensible
In beautiful Paradises expand These are the Four Rivers of
Paradise
And the Four Faces of Humanity fronting the Four Cardinal
Points

Of Heaven going forward forward irresistible from Eternity
to Eternity
And they conversed together in Visionary forms dramatic
which bright
Redounded from their Tongues in thunderous majesty. in
Visions
In new Expanses, creating exemplars of Memory and of
Intellect
Creating Space. Creating Time according to the wonders
Divine
Of Human Imagination.

Conclusão

A título de conclusão gostaria de lembrar que a teoria e crítica literária brasileiras trazem como marca indelével a preocupação com o caráter literário brasileiro, desenvolvendo linhas de reflexão que seguem de perto as questões do modernismo brasileiro, sobretudo o projeto de encontrar e dar voz literária ao caráter nacional, com tuas idiosincrasias e suas tradições, fazendo eco ao intuito nacional romântico e se firmando criticamente contra a folclorização do nacional e contra os modismos estrangeiros, tanto artísticos quanto teóricos.

As vozes dissonantes que buscaram alguma interlocução com as transformações na teoria e crítica literárias praticadas nos EUA e na Europa Ocidental não raro foram criticadas e até mesmo hostilizadas pelo que poderíamos chamar provocativamente de mainstream da crítica literária brasileira. Os críticos que enfeixam o chamado pós-estruturalismo na crítica literária somente agora começam timidamente a desembarcar na Vera Cruz, trazendo na bagagem questões que para nós são urgentes mas que já trazem um certo ar de anacronimo, reforçando ainda mais esta modernidade tardia que insistimos em manter no presente.

Este é o tom de um texto que apesar de voltado às questões de poesia, também nos ajuda a pensar as questões de crítica de poesia, no qual a dificuldade da crítica de poesia em aceitar a produção poética que se seguiu aos mestres do modernismo (a partir da década de 70) é discutida a partir do que o crítico denomina a “A cisma de poesia brasileira”:

Ao que me consta, seria possível dizer que assistimos hoje a um deslocamento dos critérios pelos quais um poeta possa ser reconhecido como fazendo parte de uma série literária, de sua “tradição”. Alguma coisa está em processo de transformação e demanda a ser compreendida, antes mesmo que se possa decidir o que lhe falta. São talvez os próprios valores do modernismo brasileiro (nacionalismo, humanismo utópico, relação com a “modernização”) que se abalam, que não são suficientes mais para suportar o sentido do mundo que se abre. (SISCAR,2010, p. 150-151)

Talvez possamos dizer também a respeito da recepção de Blake no Brasil que as mudanças nos critérios de leitura e avaliação dos poetas brasileiros poderá trazer novas luzes aos estudos blakeanos no país e quiçá nos possibilite proporcionar a William Blake e sua obra uma melhor aclimação nas terras brasileiras.

Referências bibliográficas

BARTHES, R. **O prazer do texto**. 3ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ERDMAN, D.(Ed). **The Complete Poetry and Prose of William Blake**. New York: Doubleday, 1988.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 14ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

MITCHELL, W. J. T. **Blake's Composite Art**. A Study of the Illuminated Poetry. Princeton: Princeton University Press, 1978.

ROTHENBERG, M. A. **Rethinking Blake's Textuality**. Columbia: University of Missouri Press, 1993.

SANTOS, A. C. **Visões de William Blake**. Imagens e palavras *Jerusalém a Emissão do Gigante Albion*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

SISCAR, M. A. “A cisma da poesia brasileira” In **Poesia e Crise**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

Prof. Dr. Alcides Cardoso dos SANTOS, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - Universidade Estadual Paulista – UNESP; Professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. alcides@fclar.unesp.br